



ERNANI SSÓ

# COM MIL DIABOS!

NARRATIVAS DO FOLCLORE

Ilustrações de  
Edgar Vasques



## SUMÁRIO

Copyright do texto © 2010 by Ernani Ssó  
Copyright das ilustrações © 2010 by Edgar Vasques

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e projeto gráfico  
*Helen Nakao*

Revisão  
*Viviane T. Mendes*  
*Adriana Moreira Pedro*

Composição  
*Lilian Mitsunaga*

Tratamento de imagem  
*Simone Ponçano*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ssó, Ernani  
Com mil diabos : narrativas do folclore / Ernani Ssó. —  
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2010.

ISBN 978-85-7406-454-3

1. Folclore — Literatura infantojuvenil. I. Título.

10-09623 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Folclore : Literatura infantil 028.5  
2. Folclore : Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletrinhas.com.br

Esta obra foi composta em Weiss, e impressa pela RR Donnelley em ofsete sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em outubro de 2010.

Apresentação: O escritor e a mão do diabo, 5

O bobo que foi ao inferno, 9

Os diabos na garrafa, 15

A filha do diabo, 21

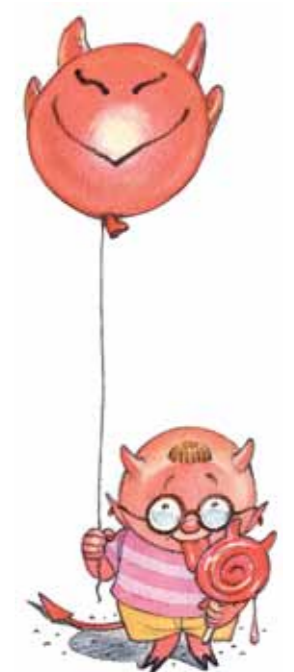
O diabo do nariz de prata, 27

O aluno do diabo, 35

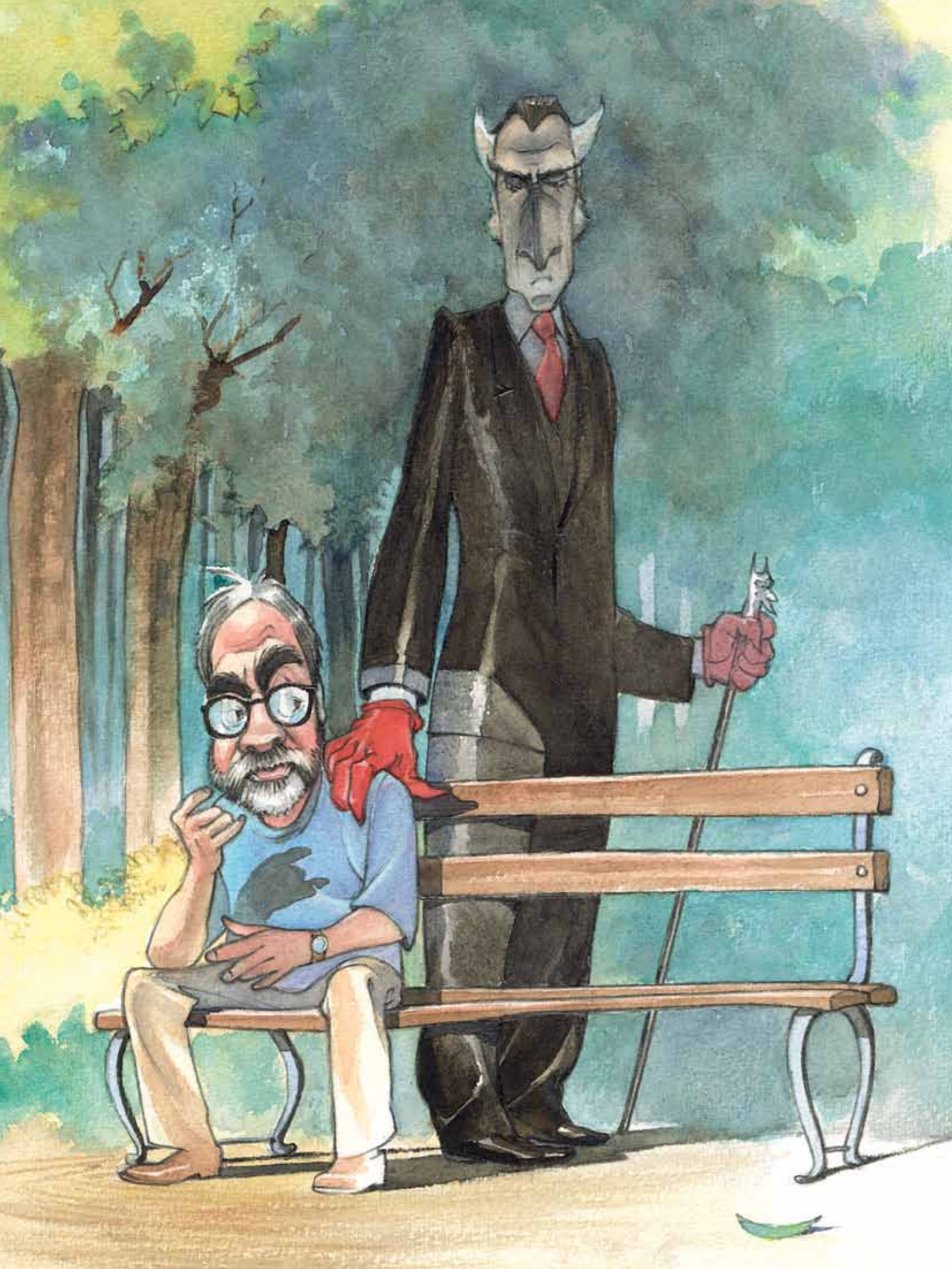
Os três cabelos de ouro do diabo, 39

*Sobre o autor, 47*

*Sobre o ilustrador, 47*







## APRESENTAÇÃO

### O ESCRITOR E A MÃO DO DIABO

Há muito tempo, há sete minutos e sete segundos, quando os bichos falavam pelos cotovelos, um escritor resolveu escrever um livro sobre diabos. Depois de meses de pesquisa, desanimou: as histórias eram danadas de bobas. Para se distrair, ele foi passear no parque e se sentou diante da lagoa. Então apareceu um homem, elegante como um mágico antigo, vestido de preto, com gravata vermelha, apesar de ser uma dessas tardes de verão em que a grama quase pega fogo sozinha.

— Posso me sentar? Obrigado. Você sabia que o Dostoiévski disse que um bom escritor escreve com a mão do Diabo?

— Sabia.

— Se quiser, eu alugo a minha.

— Quer dizer que você...?

— Muito prazer — o Diabo disse, inclinando a cabeça com solenidade.

— Com minha mão você vai escrever histórias maravilhosas, vai ganhar muito dinheiro, vai...

— O que quer em troca? Minha sombra? Meu filho?

— Como você é desconfiado, Ernani. Só quero que conte toda a verdade a meu respeito.

— A verdade? Olhe, há histórias em que você tem chifre e rabo com ponta de flecha. Noutras não tem nada, ou tem os cabelos de ouro, o nariz de prata, ou pata de bode, ou orelhas como as do Mr. Spock, na série *Jornada nas estrelas*. Há histórias em que você é malvado ou um tremendo trapaceiro. Noutras você é do bem. Há histórias em que você é um só, o Diabo, com maiúscula. Noutras há diabos que não acabam mais. Ou você é um ator sensacional ou o povo inventa muito.

O Diabo não concordou nem discordou.

— Outra coisa, senhor: fiquei com a impressão de que muitas histórias



antigas de bruxos, gigantes, gênios ou djinns, como dizem os árabes, começaram a ser contadas na Idade Média com você no papel principal.

O Diabo não concordou nem discordou.

— Outra coisa ainda, o senhor é um sujeito muito temido, símbolo dos representantes do mal, mas só leva a pior. Às vezes do jeito mais ridículo.

— É por isso tudo, Ernani, que lhe ofereço a minha mão.

— Sei, com ela escrevo a sua verdade, a sua versão dos fatos.

— Ora, ela é tão boa quanto qualquer outra. Sem falar que nós dois vamos sair ganhando. Assine este contrato.

O Diabo tirou do bolso do terno um maço de papéis com mais de mil páginas. O escritor deu uma olhada. O texto estava em letras microscópicas e numa língua desconhecida.

— Eu assino. Mas antes você tem de passar por três provas. E vencer ao menos uma.

— Eu topo.

— Pegue este.

O escritor suspirou. O Diabo deu um salto, agarrando o ar. Depois abriu as mãos bem devagarinho. Mas não achou suspiro nenhum.

— Esta não valeu, eu estava desprevenido — o Diabo resmungou.

— Deixe de conversa. Vamos para a segunda prova: tire todos os sapos, da lagoa.

O Diabo se atirou de terno e tudo na água. Com uma velocidade espantosa, atirava sapos e sapos para a terra, quatro ou cinco de uma vez. Os sapos, que mal tocavam o chão pelando de quente, pulavam de volta para a lagoa. Sete minutos depois, o Diabo desistiu.

— É impossível.

— Puxa, seu terno nem molhou.

— Se você quiser, eu ensino esse truque. Faz um sucesso nas festas com piscinas...

— Claro que quero. Mas ainda temos uma prova.

— Tudo ou nada — o Diabo disse. — Se eu vencer essa você assina o contrato.

— Assino. Mas eu duvido que você vença. Olhe como está gordo. Não entra nessa garrafa nem com banda de música.

O Diabo não pensou: transformando-se numa fumacinha, entrou numa garrafa que estava atirada na beira da lagoa. Imediatamente o escritor a tapou com uma rolha. Imediatamente também se ouviu um guincho abafado:

— Trapaceiro!

— Ora, senhor, esse truque é mais velho que a tosse.

— Mas eu sempre caio. Sou muito impulsivo — o Diabo choramingou.

— Vamos fazer um trato. Eu solto você.

— O que quer em troca?

— As melhores histórias de diabos.

Houve um grande silêncio na garrafa.

— Está bem, eu topo. Mas... posso mentir um pouco?

— Olhe, senhor, como dizia Lawrence, acredito na história, não no narrador. Eu não dou a mínima pra você. Eu só me importo com as histórias: se me divertem ou me deixam triste, quer dizer, se elas me emocionam. É isso o que interessa. Essa é a verdade de uma história. Se aconteceu mesmo ou foi inventada não é um problema para a literatura, mas para a polícia.

— Então chega de discurso e anote aí.

O que o escritor anotou são as histórias que você vai ler a seguir.

E. S.

